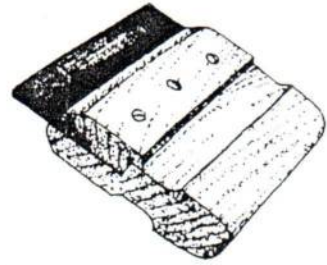


**P**ela sua experiência, como está o ensino de arte,  
a formação de serigrafos?

### Dionísio Del Santo:

Já falei dos cursos que ministrei no Museu de Arte Moderna, em Brasília e em Vitória, onde encontrei artistas em formação que trabalharam com extraordinária aplicação e realizaram serigrafias muito interessantes. Chamo particularmente a atenção para os cursos que continuo a ministrar de vez em quando, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. São cursos intensivos de três horas diárias durante dez dias e fundamentados sobretudo no fazer. As intervenções verbais surgem mais no momento em que aprecio os resultados das impressões apresentadas pelos elementos do grupo. Logo na primeira aula, mostro uma



série variada de meus próprios trabalhos serigráficos como exemplo da variedade de resultados que o processo oferece, e também para que todos vejam que espero transmitir algo de vivo e que realmente sei fazer, ou seja, que não são simplesmente teorias culturais. Ao iniciar a prática, imprimo uma área retangular chapada e convoco todos os elementos do grupo a fazerem essa experiência, que é muito simples. É o primeiro contato deles com a matriz-tela, com a tinta e o puxador de borracha. Em seguida, apresento alguns outros exemplos práticos de impressões para demonstrar como podem ser feitos diversos tipos de moldes ou matrizes que vão criar e desenvolver as imagens desejadas, e aconselho a todos que tenham a iniciativa de apresentar outras possibilidades experimentais. No final da primeira aula, costumo dizer para o grupo: “hoje fui o professor porque só eu trabalhei e falei, enquanto vocês ficaram olhando; a partir de amanhã, vocês devem considerar que vai começar a estar presente nesta sala, neste curso, um outro professor, invisível, uma espécie de entidade psíquica formada pelas influências mútuas do próprio grupo”. Quero dizer com isto que amanhã eles vão começar a trabalhar e ao mesmo tempo vão observar tudo aquilo que cada um está fazendo, tanto no concernente à confecção dos moldes como nos resultados das impressões. Tenho observado que logo no final da primeira aula surge no grupo uma aura psíquica de encantamento. Na realidade, dia seguinte, na segunda aula, fico sempre junto à mesa de impressão, orientando, estimulando, sugerindo, participando de tudo o que está acontecendo na oficina.

Não é somente o ângulo técnico ou artesanal que procuro transmitir mas, acima de tudo, a engrenagem do processo criador que a técnica pode oferecer. Do contrário, seria um ensino acadêmico ou só fundamentado em regras feitas. Acho necessário e indispensável frisar que as próprias bases técnicas convencionais do processo podem e devem ser rompidas conscientemente, em busca de inovações e da conseqüente obtenção de resultados imprevistos, próprios do ato criador artístico. É a partir de seu ângulo mais primitivo ou, pode-se dizer, mais pobre, que a serigrafia oferece, contraditoriamente, as mais ricas possibilidades experimentais. O artista serígrafo deve apropriar-se deste processo de impressão, a fim de manejá-lo com liberdade e maestria. Sem utilizar os recursos fotomecânicos que, por sua própria natureza, inclinam-se à reprodução de imagens pré-elaboradas, e limitando-se à confecção de moldes por meio de recortes feitos em papéis de diversas espessuras e outros materiais, concentrando-se assim o máximo interesse no ato de imprimir, pode-se conseguir transparências, sugestões de relevo, delicadas e inesperadas texturas materiais de cores, enfim, pode-se transformar este processo de impressão num campo vivo de invenções gráficas ou artísticas.

No final do curso, ao fazermos uma apreciação coletiva dos melhores trabalhos, verificamos com grande surpresa que todos conseguiram realizar várias serigrafias de muito boa qualidade. E para finalizar eu lhes digo: é possível que vocês tenham conseguido estes resultados mais ou menos por acaso, devido à intensidade do trabalho e à atmosfera de caos que caracterizam o curso. Daqui



em diante vocês deveriam continuar a freqüentar a oficina de serigrafia da Escola, porém num ritmo de trabalho mais lento e prolongado. Somente a perseverança no trabalho pode levar cada um de vocês à descoberta de um caminho próprio.

Isto tem acontecido na Escola de Artes Visuais, onde está surgindo um considerável número de bons artistas serígrafos que prosseguem trabalhando durante todo o ano sob a orientação da serígrafa Evany Cardoso, que é, inclusive, parceira e colaboradora de meus cursos.

Enfim, em relação ao ensino, considero o seguinte: o núcleo da criação artística é muito interior. Só é possível desenvolver aquilo que já existe, em gérmen ou em potencialidade, na própria natureza do ser individual. Esta mesma idéia é expressa pela sabedoria hindu do seguinte modo: *Não poderia uma flor nascer de uma semente se essa flor já não existisse, em gérmen, na própria semente.* Isto não quer dizer que não seja necessário um cultivo ou um esforço para desenvolver essas potencialidades inatas. O ensino que pode contribuir para despertar a consciência desse mistério relaciona-se com um certo nível de ordem espiritual, porque se orienta na direção de um aprofundamento do autoconhecimento.